

A responsabilidade no quadro cultural*

Jorge Osvaldo Caron**



Figura da página anterior:

Desenho de memória do arquiteto e urbanista Alberto Barbour - lembrança do Caron trabalhando no escritório da casa da rua 9 de julho em São Carlos. Fonte: Acervo Jorge Caron. (Imagem acrescentada pelos editores desta edição temática ao presente texto)

O quadro cultural, seja de um momento, seja de um período, é o espelhamento, extremamente polido, da história desse tempo e lugar. Um economista ou um cirurgião poderão dizer que a história se espelha na análise econômica ou no avanço tecnológico, o que na metáfora dos reflexos nos leva a considerar a cultura como uma dessas bolas espelhadas, que, em permanente giro, vão estrelando o ambiente.

A inserção de um indivíduo ou organização nessa metáfora-bola passa a ser função de sua qualidade reflexiva. Mais brilhante ou mais opaca, mais ampla, ou até inexistente, como uma pequena cárie negra na esfera giratória. O que a figura indica é o caráter coletivo das contribuições pontuais organizadas nesse globo que gira e gira. Acompanhando a metáfora, devemos observar o giro da bola nesses 20 anos e a qualidade do fragmento espelhado que corresponde ao Sasp.

A mudança histórica em que o sindicato se forma e cresce corresponde a um período de extrema urbanização do país, comandada de forma absolutista e autoritária. Se bem que o autoritarismo seja um dos caracteres mais determinantes de nossa história, onde os momentos de livre expressão são passageiros, esse particular período se pautou pelas práticas mais cruéis de repressão e censura na consecução de seu objetivo de modernização urbanizante.

De qualquer forma, muito ajudou para o conjunto dos arquitetos. De segmento discreto, detentor de um saber particularizado, amplia-se ao nível de categoria capaz de trabalhar de forma interdisciplinar e assalariada. De grupo inserido socialmente na contribuição pontual de produtos estéticos-tecnológicos à participação no esforço de urbanização dentro de um quadro hierarquizado e normatizante.

Muda, em decorrência da possibilidade de organizar-se de forma autônoma, espontânea e corporativa, escorada em uma área do saber, para a necessidade de organizar-se como categoria, inter-relacionada e participante, baseada exatamente na conjunção de seu saber. Podemos dizer que nesse momento se delineia um “novo realismo” profissional. Afirmo que o termo “novo” costuma trair certas conotações desagradáveis: Estado Novo, Nova Política Econômica, etc.

Se, enquanto organização corporativa, os arquitetos atuaram, na projeção cultural da corporação e no intercâmbio com as artes e as ciências, ao estabelecer-se como organização de categoria altera-se o quadro da inserção cultural. A urbanização acelerada e massificada do ensino perversamente orientada em um país de doutores altera profundamente o panorama da cultura. Onde antes se colocava um programa de mão única, do grupo de arquitetos para fora, baseados em seu saber iniciático,

* Texto publicado originalmente na Revista Arquiteto, edição especial em comemoração aos 20 anos de fundação do SASP - Sindicato dos Arquitetos no Estado de São Paulo, 1991.

** Jorge Osvaldo Caron foi Arquiteto e Urbanista, Cenógrafo, Designer e Docente do atual Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

agora se impunha outro, de mão dupla, interdisciplinar e participativo, sem abandono de seu conhecimento específico. Colocava-se a questão da reciclagem, da atualização e do aprofundamento para a categoria. O histórico convênio cultural entre IAB e Sasp, nos anos 70, reflete com clareza essa necessidade de envolvimento da categoria em aprimoramentos interdisciplinares e de novas práticas profissionais.

Articulada a esta, a urbanização modernizante (“reflexo”, segundo teses da época) abre outra linha de desafios culturais. Num primeiro instante, a corporação reivindica para o arquiteto o signo do planejador e, a partir dessa posição, orienta o quadro de formação profissional. Mas, em pouco tempo, o cotidiano demonstra que, nesse campo de natureza absolutamente interdisciplinar, o arquiteto contribui na equipe a partir de seu saber sócio-estético-técnico sobre o espaço. Ou seja, a partir de um centralismo cultural arquitetônico, o “novo realismo” apontava para uma arquitetura participante. O Sasp, nesse patamar, procura inserir-se no quadro cambiante através da Cooperativa de Arquitetos, que se tornou força para uma atuação renovada capaz de levar às escolas de arquitetos propostas participantes nos diversos laboratórios de habitação instalados na década de 80.

A responsabilidade do Sasp, ao inserir-se nesse discurso crítico renovado do panorama cultural, cresce, envolvendo o emprego de instrumentos apropriados a essa inserção. Dessa forma, a organização de concursos de arquitetura pelo sindicato aponta na direção de manter as perspectivas polêmicas da expressão arquitetônica. E esta liberdade é o escopo da democracia, que na metáfora inicial é o centro do globo refletor.

Figura: Jorge O. Caron. Fonte: autoria de Ludmila Ferolla, Revista Arquiteto, edição especial em comemoração aos 20 anos de fundação do SASP - Sindicato dos Arquitetos no Estado de São Paulo, 1991.

